

O Deus de Einstein e a Carta Einstein-Gutkind

Juliano Carvalho Bento*

São Paulo, Brasil
3 de março de 2022

Resumo

A chamada *The God Letter* de Einstein (ou Carta Einstein-Gutkind), ganhou muita repercussão quando foi leiloadada em 2008 pela Bloomsbury, Reino Unido. Essa foi uma carta resposta de Albert Einstein a Eric Gutkind, um filósofo Judeu-Alemão, onde o cientista sugere ser ateu e até mesmo antirreligioso, conforme notícias da época. Todavia, analisando o pensamento religioso de Einstein ao longo de sua vida, notamos algumas aparentes inconsistências com o que lemos nessa missiva. Assim, buscamos verificar se houve ou não alguma mudança de concepção do físico em relação a essas temáticas, analisando diversos aspectos desse escrito.

DOI: 10.5281/zenodo.6326509

Palavras-chaves: Einstein. Deus. Religião.

*Site: <<http://julianobento.com>> e Email: mail@julianobento.com.

Introdução

A chamada *The God Letter* de Einstein, ganhou muita repercussão quando foi leiloadada em 2008 pela Bloomsbury, Reino Unido. Consiste em uma carta resposta de Einstein a Eric Gutkind, um filósofo Judeu-Alemão, onde supostamente o cientista expõe ideias contrárias a existência de Deus e a divindade do texto bíblico. Não demorou muito para que os principais meios de comunicação divulgassem que Einstein finalmente teria se declarado explicitamente ateu e até mesmo um antirreligioso.

Isso em nada despertaria atenção de um leigo, diante da quantidade de cientistas e grandes estudiosos que também assim se definem, se não fosse o fato de ser o próprio Einstein. Basta ler uma ou duas biografias ou, simplesmente, buscar suas máximas sobre todos os campos da vida, para sentir que algo está minimamente estranho. É fato que o promulgador da Teoria da Relatividade não só combatia um Deus Pessoal, como também não pertencia e praticava ritos de nenhuma denominação religiosa. Mas, por outro lado, se sentia atraído pela ideias deístas de Spinoza, e afirmava que “*o sentimento religioso cósmico é o motivo mais forte e mais nobre da pesquisa científica*”¹. Ou seja, a religiosidade para Einstein é fundamentada numa complexa profundidade científico-filosófico-religiosa, e tentar defini-lo como ateu, crente, agnóstico ou religioso em seus sentidos latos e nos moldes como o “senso comum” o deseja, é praticamente impossível.

Porém, Einstein foi sim objetivo e claro diversas vezes nessas questões, conforme veremos a seguir.

1 Deus e Religião para Einstein

Observamos na biografia “Einstein – Sua Vida, Seu Universo” de Walter Isaacson, no capítulo “O Deus de Einstein”, que o físico combatia veementemente qualquer rótulo, principalmente o relacionado ao ateísmo:

A vida toda Einstein foi coerente ao rebater a acusação de ser ateu. “Há pessoas que dizem que não existe Deus”, disse ele a um amigo. “Mas o que me deixa mais zangado é que elas citam meu nome para apoiar essas ideias”².

Diferentemente de Sigmund Freud ou Bertrand Russell ou George Bernard Shaw, Einstein nunca sentiu o impulso de denegrir os que acreditam em Deus; em vez disso, costumava denegrir os ateus. “O que me separa da maioria dos chamados ateus é um sentimento de total humildade com os segredos inatingíveis da harmonia do cosmos”, explicou ele³.

De fato, Einstein costumava ser mais crítico em relação aos que ridicularizavam a religião, e que pareciam carecer de humildade e do senso de deslumbramento, do que em relação aos fiéis. “Os ateus fanáticos”, explicou ele numa carta, “são como escravos que continuam sentindo o peso das correntes que jogaram fora depois de muita luta. São criaturas que — em seu rancor contra a religião tradicional como sendo o ‘ópio das massas’ — não conseguem ouvir a música das esferas”⁴ (ISAACSON, 2007).

Já o físico, colega e um dos primeiros biógrafos de Einstein, Abraham Pais, abriu sua magistral biografia “Sutil é o Senhor... A Ciência e a Vida de Albert Einstein” com o seguinte parágrafo:

¹ Einstein, ‘Religion and Science’, *New York Times*, 9 de novembro de 1930, reimpr. em *Einstein 1954*, 36-40. Ver também Powell (CALAPRICE, 2011).

² Calaprice, 214; *Einstein to Hubertus zu Löwenstein*, ca. 1941, em Löwenstein, *Towards the Further Shore* (Londres: Victor Gollancz, 1968), 156.

³ Einstein a Joseph Lewis, 18 de abril de 1953, Albert Einstein Archives (AEA) 60-279.

⁴ Einstein a um destinatário desconhecido, 7 de agosto de 1941, AEA 54-927.

“Ciência sem religião é manca, religião sem ciência é cega.” Assim, Einstein escreveu certa vez para explicar seu credo pessoal: “Uma pessoa religiosa é devota no sentido de que não tem dúvidas do significado daqueles objetos e objetivos superpessoais que não requerem nem são capazes de fundamentação racional.” Sua vida não era de oração e adoração. No entanto, ele viveu por uma fé profunda - uma fé incapaz de fundamento racional - que existem leis da Natureza a serem descobertas. Sua busca ao longo da vida foi descobri-los. Seu realismo e otimismo são iluminados por sua observação: “Sutil é o Senhor, mas malicioso não é” (“Raffiniert ist der Herrgott aber boshaft ist er nicht.”). Quando perguntado por um colega o que ele queria dizer com isso, ele respondeu: ‘A natureza esconde seu segredo por causa de sua altivez essencial, mas não por meio de artil’ (‘Die Natur verbirgt ihr Geheimnis durch die Erhabenheit ihres Wesens, aber nicht durch List.’) (PAIS, 1995).

Assim, embora seja complexo formalizar o pensamento religioso definitivo de Einstein, podemos entender que acreditava numa “Religião Cósmica” e que sua religiosidade consistia *“numa humilde admiração pelo espírito infinitamente superior que se revela no pouco que conseguimos compreender sobre o mundo passível de ser conhecido. Essa convicção profundamente emocional da presença de um poder superior racional que se revela nesse universo incompreensível forma a minha ideia de Deus”*, como afirmou.

Ou seja, Deus, para Einstein, está profundamente ligado a essa Religião Cósmica. Sobre esse tema forneceu mais algumas pistas: Compreendia que poderíamos estar muito longe da real compreensão da definição de Deus; não acreditava num Deus Pessoal que mede as ações humanas e as julga e, em certo momento; e se intitulou como um agnóstico no que se refere a conceituação de Deus.

Entretanto, a forma mais explícita e objetiva do Deus que Einstein acreditava vem da seguinte afirmação: *“Acredito no Deus de Spinoza, que se revela na harmonia legal do mundo, não em um Deus que se preocupa com o destino e os afazeres da humanidade”*⁵.

Embora muitos definam a concepção do “Deus de Spinoza” como panteísta, o físico não necessariamente definia sua ideia de Deus plenamente dessa forma. A partir do artigo (SNOW, 2019), obtemos a seguinte afirmação:

Does God exist?, Is God a person? and Does God intervene in temporal affairs? The adult Einstein apparently would answer yes, some manner of God exists but no, that God is not a person and no, God doesn't intervene in temporal affairs.

Einstein considered describing himself as a pantheist, and thought highly of the philosopher Baruch Spinoza, but Einstein spoke of God as being spirit or mind. That wouldn't be the usual interpretation of Spinoza's "God or Nature" It would be fair to call Einstein's conception *deist*.

[...] Sources: Albert Einstein & Carl Seelig, Ideas and Opinions (unnumbered pages). This is a quote relied upon by Antony Flew to explain his own deism. Flew combined the last sentence of II, and the first sentence of III, omitting the numbering.

Além disso, embora Einstein criticasse a postura em alguns temas das religiões tradicionais, entendia profundamente o papel das mesmas na sociedade e até mesmo a importância da religiosidade e fé no ato de se fazer ciência:

Einstein mais tarde explicou como via a relação entre ciência e religião numa conferência sobre esse tópico no Seminário Teológico Unionista, em Nova York. O reino da ciência, disse,

⁵ Em resposta ao telegrama do rabino Herbert S. Goldstein, publicado no *New York Times*, 25 de abril de 1929. (Spinoza propôs que Deus e o mundo material são indistinguíveis; quanto melhor se entende como o universo funciona, mais e mais perto se chega da compreensão de Deus.) Goldstein achava que essa resposta era uma evidência de que Einstein não era ateu. Veja Rowe e Schulmann, “Einstein on Politics, 17. *Einstein Archives* 33-272. (CALAPRICE, 2011)

consiste em descobrir com exatidão o que acontece, mas não em avaliar os pensamentos e as ações humanas sobre o que deveria acontecer. A religião tem o mandato inverso. E, no entanto, esses dois tipos de esforços por vezes atuam juntos. “A ciência só pode ser criada pelos que estão totalmente imbuídos pela aspiração à verdade e à compreensão”, disse ele. “Contudo, esse sentimento brota da esfera da religião” (ISAACSON, 2007).

É nesse cenário que chegamos a Carta Einstein-Gutkind⁶. Analisando sob essa visão, buscaremos verificar alguns pontos como (a) se houve alguma mudança de pensamento do físico, (b) se houve equívoco de interpretação, (c) se houveram problemas com traduções e (d) verificar quais perguntas de Gutkind o cientista estava respondendo.

2 Senso Comum

Como já expusemos, muito se especulou durante toda sua vida (e após ela) no que Einstein, promulgador da Teoria da Relatividade Especial e Geral, e de tantas descobertas no campo da física, acreditava no âmbito religioso e espiritual. Nada mais natural, pois, imaginar, dentro do senso comum que a maioria das pessoas vivenciam, se uma pessoa conseguiu em algumas décadas avançar a física a patamares impensáveis de forma tão incisiva, praticamente se utilizando de lógica e dos “*gedankenexperiment*”⁷ também deveria possuir alguma opinião no mínimo instigante nos demais campos da vida, em especial no religioso.

Mas antes de adentrarmos na análise que desejamos nesse momento, é importante abrir um parêntese para melhor compreender o que seria esse “senso comum”. Duncan Watts, sociólogo canadense e pesquisador da Microsoft Research, professor na Universidade de Cornell, em seu livro “Tudo é óbvio: Desde que você saiba a resposta” afirma que o “(...) o senso comum é ‘comum’ apenas enquanto duas pessoas dividem experiências sociais e culturais suficientemente similares”. Em outro momento afirma categórico que “o senso comum não é tanto uma visão do mundo quanto é um saco de crenças logicamente inconsistentes, por vezes contraditórias, cada qual parecendo apropriada em um momento, mas sem garantias de que estará certa em qualquer outro instante” (WATTS, 2011).

O que isso teria a ver com o pensamento religioso de Einstein? Praticamente tudo. Estabelecer que o fato de uma pessoa ser muito relevante numa determinada área da vida a faz legível a definir e estruturar qualquer outro campo, é um senso comum que devemos admitir com reservas. Por sorte, Einstein durante sua vida exerceu diversos papéis além de cientista. Desde criança, as questões religiosas e filosóficas sempre despertaram seu interesse e durante sua vida foi chamado a opinar em diversos outros campos, entre eles o político, sociológico, educacional, e etc. No entanto, Einstein estudava, trocava cartas, e discutia com outros grandes pensadores dessas áreas para também formar sua opinião própria. O cientista foi muito mais que um físico e sim um polímata, e sua opinião bem fundamentada faria diferença, pois mudando o conhecimento sobre a estrutura física do mundo, acabou por afetar todos os ramos do saber. Um dos poucos casos em que o “senso comum” acertou. Mas, ainda assim precisamos entender melhor mais uma particularidade acerca desse tema.

Voltando as afirmativas de Duncan sobre o senso comum, por mais duras que sejam, ele ainda assim defende que esse tipo de conhecimento inconsciente é necessário para que a

⁶ Optamos por chamar a “*The God Letter* de Einstein” de “Carta Einstein-Gutkind”.

⁷ Era assim que o físico chamava seus experimentos mentais e discutia com seus pares questões relacionadas a diversos problemáticas da física.

sociedade se estruture e se mantenha plenamente funcional. Seu mau, não obstante, deve ser evidenciado e combatido. Afirma, por fim, que “(...) a lógica do senso comum não sofre de uma única limitação primordial, mas de várias limitações, que reforçam e até mesmo disfarçam umas às outras. O resultado é que ele é maravilhoso para dar sentido ao mundo, mas não necessariamente para compreendê-lo” (WATTS, 2011).

Ou seja, em certos temas genéricos, o senso comum consegue fornecer algumas pistas, mas não deve ser entendido como fonte de sabedoria. Dessa forma, no caso específico da análise do pensamento religioso de Einstein, fatalmente nos utilizaremos também do “senso comum de grupo”, que existe em uma comunidade ou sociedade no qual fazemos parte. O que é Deus, religião, espiritualidade e etc. para um determinado grupo, pode ser parcialmente ou totalmente diferente para outro.

Tudo torna-se mais complexo, pois Einstein sempre buscou se distanciar de qualquer agrupamento especial, pois percebeu que somente dessa forma conseguiria escapar do “senso comum” proporcionado por cada um deles. Ora, se o cientista precisou fugir dos convencionalismos científicos de sua época, para justamente trazer uma surpreendente revolução na física, também assim se comportaria nas demais áreas para melhor compreender os aspectos divinos, espirituais e religiosos do mundo.

Mesmo assim, isso não eximiu o cientista que foi judeu, alemão, suíço, norte-americano, perseguido pelo nazismo, determinista, pacifista de também possuir seu coletivo de ideias centrais de como o mundo se fundamenta em torno de um conjunto de crenças (que nós todos possuímos em todas as instâncias) dentro de sua vivência.

Além disso, Einstein não foi um pensador de um passado longínquo onde suas ideias poderiam sofrer com certos anacronismos. Ele definiu sim muitos de seus pensamentos religiosos explicitamente sem margens para interpretações. É com base nisso que faremos um grande favor ao cientista, ao analisar essa carta, nos fundamentando nessas crenças de toda sua vida.

3 Carta Einstein-Gutkind de 1954

Antes de darmos continuidade em nosso estudo, é necessário trazer uma importante nota informativa: Paul Snow, membro do conselho editorial do *Journal “Information Fusion”* da Elsevier, uma das maiores editoras de literatura médica e científica do mundo, em seu *blog* pessoal “*The Uncertaintist*” <uncertaintist.wordpress.com>⁸, trouxe uma análise pormenorizada do conteúdo da Carta Einstein-Gutkind. Para isso, estudou todo o livro do filósofo Gutkind, sobre o qual Einstein se refere em sua carta, realizou diversas contextualizações religiosas sobre o mesmo, e evidenciou diversos erros de tradução da carta (que foi escrita em alemão) para o inglês. Esse nosso artigo deve muito ao esforço de (SNOW, 2018), e boa parte desse estudo e até mesmo a estrutura de abordagem desse

⁸ Não existe muitos dados relacionados a Paul Snow. No site da revista “*Information Fusion*” consta seu nome, contudo sem dados de referência. Em seu próprio *Web Blog* diz que “*He offers fine handcrafted database and statistical items for a discerning clientele from his workshop in central New Hampshire. Paul researches the formal management of inference and decision by people and machines. He has developed a survival semantics for expected utility decisionmaking, probabilistic semantics for “unprobabilistic” calculi like possibility, necessity, and nonmonotonic logics and a linear programming semantics for Łukasiewicz (or Zadeh “fuzzy”) logic*”. Por ser de New Hampshire, fazer parte do conselho editorial de um periódico científico e trabalhar com programação, é provável que seja o Paul Snow PhD em engenharia da Universidade de New Hampshire, Durham, NH. Em alguns recentes artigos da universidade, seu nome aparece como “*Independent Consultant*”.

artigo foi influenciado por suas pesquisas. Em fevereiro de 2022, após contato manifestando nosso agradecimento por toda a sua pesquisa, recebemos sua devolutiva, onde afirmou: *Thank you so much for your kind words. They mean a lot to me. Please feel free to translate what you need, and distribute it for any non-commercial use you want.* Embora ele tenha dado o aval para traduzirmos seus comentários para o português, consideramos o mais correto manter em sua língua original.

Uma vez exposta essas considerações, iniciaremos observando a descrição sobre a carta leiloadada em 2008 pela Bloomsbury, Reino Unido⁹:

Einstein (Albert, theoretical physicist, 1879-1955)

Autograph Letter signed to Eric B. Gutkind in German, 1 1/2 pp. & envelope, 4to, Princeton, 3rd January 1954, thanking him for a copy of his book and expressing his view of God and Judaism, [The word God is for me nothing more than the expression and product of human weaknesses, the Bible a collection of honorable, but still primitive legends which are nevertheless pretty childish... . For me the Jewish religion like all other religions is an incarnation of the most childish superstitions. And the Jewish people to whom I gladly belong and with whose mentality I have a deep affinity have no different quality for me than all other people...], folds, slightly browned ; and a photograph of Gutkind, v.s., v.d¹⁰.

Einstein's view of God and Judaism. Eric B. Gutkind (1877-1965), philosopher; author of *Choose Life: The Biblical Call to Revolt*, 1952. Albert Einstein - see also lot 497

25th Anniversary Sale of Important Printed Books & Manuscripts Thursday 15 May 2008, 11.00am est. £6000 – £8000

Sold for £170000 Sale 649, 15th May 2008

FONTE: Dreweatts & Bloomsbury Auctions — <<http://www.dreweatts.com/cms/pages/lot/649/303>>

Quando foi divulgado essa nota, diversos meios de notícias do mundo, imediatamente estamparam em suas principais manchetes trechos e re-traduzões do inglês dessa nota, das formas mais sensacionalistas possíveis.

Em alguns grupos ateístas um argumento utilizado para enfatizar o aparente ateísmo de Einstein foi a data da correspondência, visto que se tratava de uma correspondência escrita em 3 de Janeiro de 1954 e, desse modo, poderia ser esse o pensamento final do cientista no que concerne a Deus e as Religiões, já que faleceu em 1955.

3.1 Problemas na Transcrição e na Tradução

Entretanto, pouco tempo depois, começou-se a verificar que tradução da carta realizada por Joan Stambaugh do periódico de notícias “The Guardian” (que foi a utilizada no leilão), possuía alguns problemas. O principal deles é que havia enxertos de texto que não correspondiam com o texto original alemão. Foi o caso da análise feita por Steven H. Cullinane em seu *Web Journal*¹¹ em 2009. Vejamos os trechos:

[...] Das Wort Gott ist für mich nichts als Ausdruck und Produkt menschlicher Schwächen, die Bibel eine Sammlung ehrwürdiger, aber doch reichlich **primitiver** Legenden. Keine noch

⁹ Um aviso digno de nota é que faremos uma análise de traduções e, por conta disso, será importante e necessário manter o idioma original.

¹⁰ Vide Fig. 1.

¹¹ Log24 blog: <<http://m759.net/wordpress/?p=3788>>

so feinsinnige Auslegung kann (für mich) etwas daran ändern. Diese verfeinerten Auslegungen sind naturgemäß höchst mannigfaltig und haben so gut wie nichts mit dem Urtext zu schaffen. Für mich ist die unverfälschte jüdische Religion, wie alle anderen Religionen, eine Inkarnation des **primitiven** Aberglaubens.

E a tradução para o inglês de Stambaugh:

[...] The word God is for me nothing more than the expression and product of human weaknesses, the Bible a collection of honourable, but still primitive legends **which are nevertheless pretty childish**. No interpretation no matter how subtle can (for me) change this. These subtilised interpretations are highly manifold according to their nature and have almost nothing to do with the original text. For me the Jewish religion like all other religions is an incarnation of **the most childish** [German: primitiven] superstitions.

Podemos verificar que as parte em destaque não existem no alemão original da carta, e sim somente o termo alemão “*primitiver*”¹². Portanto as frases “(...) *which are nevertheless pretty childish*”¹³ e “*the most childish*”¹⁴ podem ter sido colocadas deliberadamente ou serem fruto de uma tradução equivocada. Por mais que pareçam detalhes irrelevantes, quando se trata de algo que pode ocasionar uma mudança de paradigma no pensamento de alguém (pois assim foi noticiado), qualquer situação irregular deve ser observada com total atenção. Todavia, esse não era o único erro como veremos a seguir.

O professor do Departamento de História da Universidade do Texas em Austin, Alberto Martinez, publicou um livro onde consta parte de uma tradução dessa carta evidenciando os erros de tradução:

“In 2009 online news media released small, blurry images of Einstein’s letter, along with translations that are not very accurate; mistakes include omitted words, and the insertion of words such as ‘childish.’” So writes Alberto A. Martinez, Associate Professor in the Department of History of the University of Texas at Austin. *“I provide an original and very literal word for word translation.”*

Professor Martinez’ courses include “Scientists and Religion in History,” and “Einstein in an Age of Conflict.” His dissertation was on the roots of Einstein’s relativity theory. Later, he did post-doctoral work at Boston University’s Center for Einstein Studies. His website is here, <<http://www.utexas.edu/cola/depts/history/faculty/aam829>>, with a downloadable curriculum vitae for those who are interested.

Martinez also warned about some German and German-language sites’ coverage of the Einstein-Gutkind letter. *“German versions of the letter, online, include defective re-translations from the English renditions. Moreover, some German transcriptions also include mistakes.”*

None of these quotes come from a new personal interview. They are from end note 30 to chapter 9 of Martinez’ book, *Science secrets: The truth about Darwin’s finches, Einstein’s wife, and other myths*. The book was published last year, 2011, by the University of Pittsburgh Press. Chapter 9 includes Martinez’ partial translation of the hotly quote-mined portion of the letter’s second paragraph [...] (SNOW, 2018).

Ou seja, conforme verificamos no destaque, não só haviam mais erros na tradução para o inglês, mas nas próprias transcrições alemãs da carta. Dessa forma, podemos agora verificar a carta original em alemão, a versão traduzida para o inglês do site “The

¹² Traduzido como “mais primitivo” em português.

¹³ Traduzido como “(...) que são, no entanto, muito infantis” em português.

¹⁴ Traduzido como “o mais infantil” em português.

Uncertaintist¹⁵” realizadas pelo Prof. Martinez e Snow, como alternativa a versão divulgada na mídia. Além dessas, realizamos também uma tradução livre para o português, a partir do alemão original, a fim de melhor argumentarmos e compreendermos os pontos estudados:

Vejamos a carta:

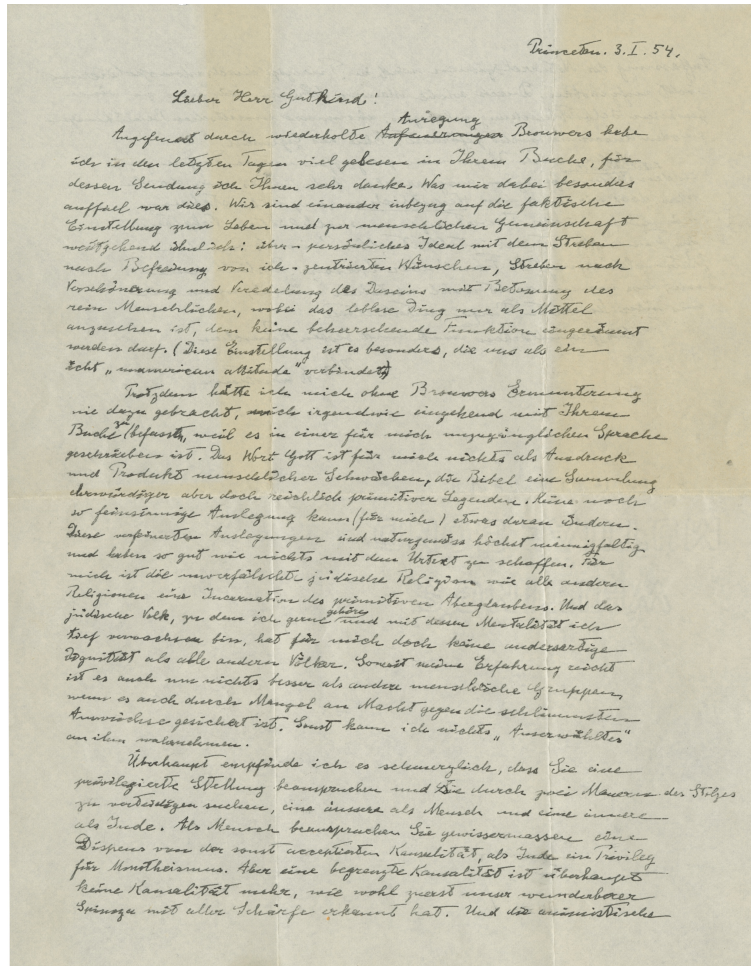


Figura 1 – Fac-símile da primeira página da Carta Einstein-Gutkind. Fonte: Christie’s: <https://www.christies.com/en/auction/auction-16393-nyr>

¹⁵ A diferença entre a tradução de Martinez e a do site “The Uncertaintist” são as seguintes: *Martinez prefers a synonym for unadulterated, and reads quality where I read dignity. The reference of “the word God” might have been clearer had the preceding sentence also been included. Otherwise, however, Martinez’ and the Uncertaintist’s translations are in substantial agreement. There is no “which are nevertheless pretty childish” anywhere. In the third sentence above, replace “subtilised” with “refined”. In the fourth sentence, restore the omitted word, “unadulterated” (Martinez says “unmodified”), and replace “childish” with “primitive”. In the fifth sentence, replace “quality” with “dignity” (Martinez didn’t). In the sixth sentence, replace “cancers” with “excesses”.*

CARTA EINSTEIN-GUTKIND — TEXTO ORIGINAL ALEMÃO

Princeton. 3.I.54

Lieber Herr Gutkind!

Angefeuert durch wiederholte Anregung Brouwers habe ich in den letzten Tagen viel gelesen in ihrem Buche, für dessen Sendung ich Ihnen sehr danke. Was mir dabei besonders auffiel war dies. Wir sind einander in bezug auf die faktische Einstellung zum Leben und zur menschlichen Gemeinschaft weitgehend identisch: unser- persönliches - Ideal mit dem Streben nach Befreiung von ich-zentrierten Wünschen, Streben nach Verschönerung und Veredelung des Daseins mit Betonung des rein Menschlichen, wobei das leblose Ding nur als Mittel anzusehen ist, dem keine beherrschende Funktion eingeräumt werden darf. (Diese Einstellung ist es besonders, die uns als "unamerican attitude" verbindet.

Trotzdem hätte ich mich ohne Brouwers Ermunterung nie dazu gebracht, mich irgendwie eingehend mit Ihrem Buche zu befassen, weil es in einer für mich unzugänglichen Sprache geschrieben ist. Das Wort Gott ist für mich nichts als Ausdruck und Produkt menschlicher Schwächen, die Bibel eine Sammlung ehrwürdiger, aber doch reichlich primitiver Legenden. Keine noch so feinsinnige Auslegung kann (für mich) etwas daran ändern. Diese verfeinerten Auslegungen sind naturgemäss höchst mannigfaltig und haben so gut wie nichts mit dem Urtext zu schaffen. Für mich ist die unverfälschte jüdische Religion wie alle anderen Religionen Incarnation des primitiven Aberglaubens. Und das jüdische Volk, zu dem ich gerne gehöre, und mit dessen Mentalität ich tief verwachsen bin, hat für mich doch keine andersartige Dignität als alle anderen Völker. Soweit meine Erfahrung reicht ist es auch um nichts besser als andere menschliche Gruppen, wenn es auch durch Mangel an Macht gegen die schlimmsten Auswüchse gesichert ist. Sonst kann ich nichts "Auserwähltes" an ihm wahrnehmen.

Überhaupt empfinde ich es schmerzlich, dass Sie eine privilegierte Stellung beanspruchen und die durch zwei Mauern des Stolzes zu verteidigen suchen, eine äussere als Mensch und eine innere als Jude. Als Mensch beanspruchen sie gewissermassen eine Dispens von der sonst acceptierten Kausalität, als Jude ein Privileg für Monotheismus. Aber eine begrenzte Kausalität ist überhaupt keine Kausalität mehr, wie wohl zuerst unser wunderbarer Spinoza mit aller Schärfe erkannt hat. Und die animistische Auffassung der Naturreligionen wird im Prinzip durch Monopolisierung nicht aufgehoben. Durch solche Mauern können wir nur zu einer gewissen Selbsttäuschung gelangen; aber unsere moralischen Bemühungen werden durch sie nicht gefördert. Eher das Gegenteil.

Nachdem ich Ihnen nun ganz offen unsere Differenzen in unseren intellektuellen Überzeugungen ausgesprochen habe, ist es mir doch klar, dass wir uns im Wesentlichen ganz nahe stehen, nämlich in den Bewertungen menschlichen Verhaltens. Das Trennende ist nur intellektuelles Beiwerk oder die "Rationalisierung" in Freud'scher Sprache. Deshalb denke ich, dass wir uns recht wohl verstehen würden, wenn wir uns über konkrete Dinge unterhielten.

Mit freundlichem Dank und besten Wünschen

Ihr A. Einstein.

CARTA EINSTEIN-GUTKIND — VERSÃO INGLESA (“The Uncertaintist”)

Dear Mr Gutkind:

Encouraged by Brouwer’s repeated suggestions, I have read a lot of your book in the last few days, I thank you for sending it. What struck me especially was this. We are broadly similar to each other in the factual relation to life and to human community: the super-personal ideal of the pursuit of freedom from ego-centric desires, the pursuit of beautifying and refining life with emphasis on the purely human, with the inanimate thing to be regarded only as a means, and not allowed to hold a dominant function (This especially unites us in having a real "unAmerican attitude").

Still, except for Brouwers’ encouragement, I would have never engaged with your book in detail, because it is written in language which is inaccessible to me. The word God for me is nothing more than the product and expression of human weaknesses, the Bible a collection of many honorable but still primitive legends. No interpretation, no matter how subtle, can change it (for me). These refined interpretations are naturally highly diverse and have almost nothing to do with the original text. For me the unadulterated Jewish religion, like every other religion, is an incarnation of primitive superstitions. And the Jewish people, to whom I gladly belong, and whose mentality I have deep affinity for, has for me however no different kind of dignity than any other people. As far as my experience goes, they are no better than other human groups, while a lack of power saves them from the worst excesses. Otherwise I can not perceive anything "chosen" to them.

In general I find it painful that you claim a privileged position and are looking to defend it by two walls of pride, an outer one as human being and an inner one as a Jew. As a man you claim to some extent a dispensation from otherwise accepted causality, as a Jew the privilege of monotheism. But a limited causality is no causality at all, as our wonderful Spinoza was probably first to recognize fully. And the animistic conception of nature religions is not annulled in principle by monopolisation. Through such walls we can only attain a certain self-deception, but our moral efforts are not encouraged by them. Rather the opposite.

Now that I have candidly expressed to you our differences in intellectual convictions, it is however clear to me that we are in essence very close, namely in the evaluations of human behavior. What divides is only intellectual accessory or "rationalization" in Freudian language. So I think that we would get along quite well if we talked about concrete things.

With friendly thanks and best wishes,

Yours,

A. Einstein.

CARTA EINSTEIN-GUTKIND — VERSÃO PORTUGUESA (Tradução Livre¹⁶)

Princeton. 3.I.54

Caro senhor Gutkind!

Encorajado pelas repetidas sugestões de Brouwer, muito li de seu livro nos últimos dias e agradeço muito por enviá-lo. O que particularmente me impressionou foi isso. Somos em grande parte idênticos uns aos outros em relação à atitude factual em relação à vida e à sociedade humana: nosso ideal - pessoal - com luta pela libertação dos desejos egocêntricos, luta pelo embelezamento e enobrecimento da existência com ênfase no puramente humano, com a coisa inanimada deve ser considerada apenas como um meio ao qual nenhuma função dominante pode ser concedida. (É esta atitude em particular que nos une como a “atitude não americana”).

No entanto, sem o encorajamento de Brouwer, eu nunca teria me dado ao trabalho de estudar seu livro em detalhes, porque ele está escrito em uma linguagem inacessível para mim. Para mim, a Palavra Deus nada mais é do que uma expressão e produto das fraquezas humanas, a Bíblia uma coleção de lendas veneráveis, mas bastante primitivas. Nenhuma quantidade de interpretação sutil pode (para mim) mudar nada sobre isso. Essas interpretações refinadas são naturalmente extremamente variadas e quase nada têm a ver com o texto original. Para mim, a religião judaica não adulterada, como todas as outras religiões, é uma encarnação da superstição primitiva. E o povo judeu, ao qual me sinto feliz por pertencer e com cuja mentalidade estou profundamente ligado, não tem para mim dignidade diferente de todos os outros povos. No que diz respeito à minha experiência, não é melhor do que outros grupos humanos, embora protegido contra os piores excessos por falta de poder. Caso contrário, não vejo nada de “escolhido” nele.

Em geral, acho doloroso que você reivindique uma posição privilegiada e procure defendê-la com dois muros de orgulho, um externo como ser humano e um interno como judeu. Como ser humano, eles reivindicam uma certa dispensa da causalidade de outra forma aceita, como um judeu, um privilégio para o monoteísmo. Mas uma causalidade limitada não é mais causalidade, como nosso maravilhoso Spinoza foi provavelmente o primeiro a reconhecer com toda a nitidez. E a concepção animista das religiões naturais, em princípio, não é anulada pela monopolização. Através de tais paredes só podemos chegar a um certo autoengano; mas nossos esforços morais não são encorajados por eles. Muito pelo contrário.

Agora que compartilhei francamente com você nossas diferenças em nossas crenças intelectuais, percebo que estamos muito próximos em essência, em nossas avaliações do comportamento humano. O que separa é apenas o embelezamento intelectual, ou "racionalização" em termos freudianos. Então, acho que nos entenderíamos muito bem se falássemos sobre coisas concretas.

Com agradecimentos e votos de felicidades

Atenciosamente, A. Einstein.

¹⁶ Essa tradução livre do alemão é somente para o leitor da língua portuguesa se orientar na argumentação. Carece de melhor refinamento.

Analisando todos os dados expostos muito bem desenvolvidos por (SNOW, 2018), podemos perceber que houve muita negligência quanto a tradução para a língua inglesa (que acabou por influenciar todas as demais), distorcendo consideravelmente as palavras do autor, possibilitando erros de interpretação. Para se ter uma ideia, tal tradução equivocada se encontra inclusive no (CALAPRICE, 2011) e em diversos outros livros de renomadas editoras.

4 Estrutura e Contexto da Carta

Primeiramente, o teor da carta não é uma crítica gratuita a Deus ou a Religião, mas uma resposta de Einstein ao pedido de Gutkind para que ele analisasse o seu livro *“Choose Life: The Biblical Call To Revolt”*. Portanto, não uma divagação sobre sua concepção de Deus, como faria numa entrevista, num livro de sua autoria ou em um texto livre sobre o assunto. Os pontos ditos “polêmicos” eram respostas incisivas ao que Einstein havia lido e estava em desacordo.

Esse ponto é muito importante, visto que não cabe a Einstein re-explicar ou relembrar para o Gutkind os pontos que o próprio escreveu. Parágrafos, definições e capítulos inteiros podem acabar por serem suprimidos, já que um trecho ou palavra que lembre o argumento exposto no livro, já é o suficiente para o autor saber sobre de que ponto se fala. **É de se esperar, portanto, que exista muita informação implícita no texto.**

Além disso, podemos perceber uma estrutura lógica muito bem encadeada. Em uma leitura rápida, podemos notar que a carta é separada em quatro parágrafos principais. No primeiro, Einstein realça alguns pontos positivos e em comum entre o pensamento do remetente e do destinatário, realçando que a leitura do livro de Gutkind não lhe foi de fácil compreensão (por estar em desacordo com o que lia ou por realmente não compreender a linguagem teológica utilizada). No segundo, comenta incisivamente aspectos do livro e de onde conseguimos obter a maioria dos argumentos “polêmicos” relativos a Deus e a Religião. No terceiro, continua tal argumentação rebatendo com argumentos filosóficos. Por fim, no último, abrandando o discurso e novamente salienta pontos em que ambos estão de acordo. Ou seja, podemos verificar uma regra da reprimenda aliada aos bons costumes: “exalte seus pontos fortes, repreenda, amenize e exalte suas outras qualidades”.

Uma vez estabelecido isso, verificamos que os pontos ditos “polêmicos” serão os que aqui estão expostos e que nos debruçaremos nas seguintes seções:

1. (...) *A Palavra Deus nada mais é do que uma expressão e produto das fraquezas humanas* (vide Seção 5.1).
2. (...) *a Bíblia uma coleção de lendas veneráveis, mas bastante primitivas* (vide Seção 5.2).
3. (...) *Para mim, a religião judaica não adulterada, como todas as outras religiões, é uma encarnação da superstição primitiva* (vide Seção 5.3).

Outros pontos ainda poderíamos analisar, como a questão da causalidade, a questão animista das religiões naturais e a questão da moral. Todavia, além de serem autoexplicativos, fatalmente os também citaremos nesse artigo para fundamentar nossa análise.

Além dessas palavras do físico, também buscaremos analisar algumas interpretações que foram assumidas pela imprensa e por algumas personalidades relativas ao seu pensamento:

- Einstein finalmente virou ateu em 1954, abolindo suas concepções sobre Deus profetizadas no passado;
- Einstein aboliu suas concepções sobre Religião passadas e virou antirreligioso;
- Essa foi a última versão de Deus que ele trouxe antes de morrer em 1955.

Só uma questão que se faz necessário evidenciar: o físico profere uma série de frases curtas e muito objetivas, sem conexão ou contexto. Portanto, já percebemos que o único objetivo dessa escrita era listar os pontos em desacordo com sua concepção, confrontando sua opinião **com o que estava escrito no livro**. Assim, abriremos um adendo para justamente compreendermos mais sobre o que o livro aborda.

4.1 Sobre o Livro

No Prefácio do livro *“Choose Life: The Biblical Call To Revolt”*, podemos assim ler:

A profound Jewish axiom has it that where the Name of God is silent, His Name is deep inside. This treatise tries to study the methods for making the global groundswell of the masses of humanity articulate. As is the lowly so is truth. It is humble as it is rebellious.

Genuine religion is a call to revolt. It is the uprising of Man against the assault from the abysses of nothingness. It is the fortification of Man's autonomy. It is the call that establishes human dignity, the Divine commandment: "Stand up right! 7 ' It is the demand for determined decision to overcome the basic split in Man. The "Good Book" is the primal pattern for revolution. But "religion" has become the way to evade the confrontation with God's incandescent presence. Man is deprived of his supreme power which is perverted into a demonic force to stop mankind's ascent and to protect those who are incapable of love. Love is not sentiment but devotion. Love transcends. Transcendence is enhancement. "Religion" has become a device to leave things unchanged.

To wrest Man's most powerful tool from the hands of its usurpers is the way still open to save Man. This may be called the Vertical Way. It is the road to global maturity.

It has been proclaimed that "God is dead." The God of the theologians certainly is. But where the people are on their exodus from bondage there the fiery pillar will be mightily in their midst¹⁷ (GUTKIND, 1952).

Aparentemente, o livro busca reestruturar as bases da religião, a fim de salvar o Homem dos “abismos do nada”. Para isso, esse Homem deverá se utilizar de ferramentas, sendo a principal delas o *“Good Book”* (a Torá). Talvez seja necessária muita vivência nesse tipo de linguagem teológica para que o objetivo do livro fique mais claro, algo que o autor desse artigo não conseguiu abstrair. Dessa forma recorro a *reviews* de autores judeus na época, para melhor compreender a natureza do livro.

De acordo com Emil Ludwig Fackenheim, grande filósofo Judeu e Rabino, autor de diversos livros filosóficos renomados sobre Deus e os Judeus, o livro *Choose Life* “é

¹⁷ Analisamos nesse artigo a versão norte-americana do livro. Assim, nesse caso específico, de forma a não haver erros de interpretação na tradução, visto os texto estar carregado de conceitos teológicos e hebraicos misturados com o inglês, decidimos manter todas as citações desse livro em seu idioma original.

generoso em idéias profundas, mas também em reivindicações que só podem ser chamadas de ridículas”. E continua dizendo que, para Gutkind, “ ‘A alma de Israel é incorruptível’; que ‘Israel não é o único resultado de uma longa evolução. É uma parte intrínseca da realidade, desde o início. Porque é uma possibilidade máxima de evolução, é o próprio princípio da evolução [...], a alma judaica é perfeita intelectualmente e espiritualmente: tudo o que é bom na ciência moderna está em conformidade com ela’ [...] e mais do mesmo” e conclui “é impossível levar esse tipo de coisa a sério” (FACKENHEIM, 1952).

Trago também o *review* do rabino Ely Emanuel Pilchik, grande estudioso do judaísmo, líder espiritual e rabino sênior da Congregação B’nai Jeshurun em Short Hills, N.J.(fundada em Newark em 1848, é a congregação judaica mais antiga de Nova Jersey). Foi publicado na *Jewish Social Studies*, Vol. 14, No. 4 (Out., 1952), pp. 381-382:

Pode ser que o autor tenha algo a dizer, como acreditam fervorosamente seus alunos entusiastas que freqüentam religiosamente suas palestras, mas isso não aparece nas páginas deste livro. Talvez o fracasso esteja no fato de que ele pensa em alemão e escreve em inglês. Aqui está um homem erudito, intoxicado pelo judaísmo, motivado pelos mais nobres instintos humanos, esforçando-se para dizer algo grande a um mundo conturbado, inextricavelmente enredado em uma teia sem esperança de palavreado.

O Dr. Gutkind aparentemente está tentando propor a tese de que o Judaísmo é basicamente Humanismo, e que o Humanismo envolto em envoltórios bíblicos é a única esperança. O que é impresso é uma espécie de t’zena u’rena bordada com fios etimológicos e filosóficos. Frases bíblicas escolhidas são homileticamente expostas com um dogmatismo teutônico aliviado apenas por Toques talmúdicos e hassídicos. Banalidades como “A união das palavras se chama fala” (p. 161) e absurdos como “o judeu nunca pronuncia ‘o nome’. Assim ele abjura toda teologia” (p. 141) felizmente quebra a monotonia exortativa.

Israel, protesta o Dr. Gutkind, não é uma religião nem uma nação; é um kumiyut (retidão). A interpretação correta do Judaísmo não está na Ortodoxia, nem no Conservadorismo, nem na Reforma; está no verticalismo.

Um homem bom está clamando em nome do judaísmo, mas não consegue entender o que ele quer – apenas “hai v’kayam” é claramente audível. Este revisor endossa com entusiasmo a afirmação do autor de que Israel não é um “corpus mysticum”. Este livro é.

Newark, N. J.

Ety E. Pivcuik. (PILCHIK, 1952)

Observamos que da mesma forma que Fackenheim e Pivcuik, Einstein também não ficou contente com o que leu, rebatendo com educação, porém energia para mostrar que não podia concordar que os judeus eram uma “raça superior” em detrimento as demais. Ambos passaram (em especial Fackenheim) pelo terror inflingido pelos nazistas aos judeus, pelos primeiros se proclamarem “raça ariana pura” e rebaixar a importância das demais. É justificável Gutkind, no pós-guerra, enaltecer os judeus depois de toda a perseguição e humilhação que passaram, contudo, tal sentimento de superioridade seria caminhar pelos mesmos caminhos passados, mas as avessas. Assim, já podemos perceber que o teor da carta é uma crítica incisiva, porém educada, aos argumentos utilizados por Gutkind para consubstanciar a preferência da natureza pelos judeus, se utilizando de argumentos evolutivos e do texto sagrado para isso.

5 Análise da Carta

Voltando a Carta Einstein-Gutkind, iniciaremos agora uma análise dos pontos referenciados no início da Seção 4. Contudo, antes, façamos um recorte da mesma a fim de não nos perdermos na cadeia de raciocínio do autor (marcações numéricas e grifos nossos):

No entanto, sem o encorajamento de Brouwer, eu nunca teria me dado ao trabalho de estudar seu livro em detalhes, porque ele está escrito em uma linguagem inacessível para mim. Para mim, a **(1) Palavra Deus nada mais é do que uma expressão e produto das fraquezas humanas, (2) a Bíblia uma coleção de lendas veneráveis, mas bastante primitivas.** Nenhuma quantidade de interpretação sutil pode (para mim) mudar nada sobre isso. Essas interpretações refinadas são naturalmente extremamente variadas e quase nada têm a ver com o texto original. Para mim, **(3) a religião judaica não adulterada, como todas as outras religiões, é uma encarnação da superstição primitiva.**

5.1 “A Palavra Deus”

O primeiro ponto que gerou debate foi a frase de Einstein “*A palavra Deus, para mim não é mais do que produto e expressão da fraqueza humana*”. Antes de mais nada, já podemos descartar uma das observação listadas na Seção 4 de que o cientista teria alterado seu pensamento acerca de Deus nessa correspondência. Em 1930 ele já havia afirmado algo muito similar: “*Não consigo imaginar um Deus que recompensa e pune os objetos de sua criação, cujos propósitos são modelados de acordo com os nossos – um Deus, em suma, que é apenas um reflexo da fragilidade humana*¹⁸” (grifos nossos). Assim, se Einstein na carta emitiu tal consideração foi porque simplesmente enxergou no livro de Gutkind esse Deus.

Observemos também que o físico utilizou o termo “a **palavra Deus**” (*Das Wort Gott*), e não simplesmente “Deus”. Por mais que fosse um detalhe de construção textual, aparenta aludir a algo que ele havia lido no livro de Gutkind, conforme foi exposto na Seção 4. Além disso, o autor de “*Choose Life*” citou o termo “*God*” em seu livro (de um pouco mais de 300 páginas) quase 450 vezes. Ou seja, por diversas vezes encontramos definições sobre a natureza de Deus para o autor. Em uma dessas chega a afirmar que “*O Deus de Israel é um “guerreiro” (ish milchamah) contra as forças das trevas*”. Somente nesse exemplo já observamos a proposição de um Deus Pessoal que Einstein repudiava e que retomaremos mais adiante. Assim, era de se esperar que o físico combatesse esse exagero com outro de forma categórica.

Uma vez exposto isso, podemos a partir de agora seguir por dois caminhos interpretativos:

1. Einstein descreve que para ele a definição de Deus **exposta por Gutkind em seu livro** é o produto e a expressão da fraqueza humana.
2. A versão *ipisis lettiris* do texto sem contextualização.

Sendo o item (1), podemos pensar numa versão explícita dessa frase, onde Einstein poderia dizer: “*A palavra Deus [contida em seu livro], para mim não é mais do que produto e expressão da fraqueza humana.*”

Embora aparente ser uma interpolação pretenciosa, na realidade nem precisaríamos desse acréscimo para interpretar dessa forma. Não obstante, temos alguns indícios que pode ser exatamente isso. A definição final de Deus que Gutkind chega seria a seguinte:

GOD! MAN! WORLD! These primal words are the battle-cry of the Biblical Revolution. They are the proclamation that there shall be Man. They are the Holy legacy of the Founded People.

¹⁸ De ‘*What I Believe*, *Forum e Century* 84 (1930), 193–194. Reimpresso em Rowe e Schulmann, *Einstein on Politics*, 229–230. Diversas traduções e usadas em outros lugares, inclusive em edições anteriores deste livro (CALAPRICE, 2011).

This proclamation has its strangest guarantee in the philosophy of the Founded People. This one and only Holy Trinity is abandoned in other philosophies. In all of these other philosophies one of the Three is given up, or the one is fused with the other, or swallowed up by the other. Only Jewish thought was able to keep the Three apart and yet related: God-Man-World. [...] On the other hand, Biblical thought united the three in the highest possible unification: in their ethical togetherness. This togetherness is reached in the Absolute Collectivity of the Founded People. Truth without the people remains pallid. The people without truth remains a mere crowd. As it was said: “God, Israel and the Torah are One” (GUTKIND, 1952).

Ou seja, ele afirma que Deus-Homem-Mundo é uma “trindade” não unitária, onde cada elemento não sobrevive sem o outro, e somente o Israel, ou “Founded People¹⁹” os consegue discernir claramente.

Assim, para Gutkind o fato de o “Mundo” fazer parte dessa “trindade”, se deve ao fato desse ser o local onde Deus se relaciona diretamente com os Homens (*Founded People* no caso) e não existe abertura para interpretações metafísicas ou mensageiros divinos. O livro também busca a todo instante desconstruir o “erro” do Cristianismo mais propriamente, por desprezar a importância do mundo e por assumir um lugar fora dele onde Deus “habita” (No caso quando Jesus afirma que “Meu Reino não é desse mundo” – João 18:36). Podemos assim inferir, de forma simplista, que a visão de Deus do livro é o Deus da Torá interpretado por Gutkind, que se conecta com os “fundadores” do Judaísmo, nas figuras de Abraão, Moisés, Jô, Noé, dentre outros, no Mundo físico e não no etéreo.

Embora seja inusitado tal definição, talvez não existiria aqui graves problemas para Einstein. Contudo, o ponto chave que pode ter desencadeado uma postura defensiva do físico em relação a esse Deus/Trindade, foi que, para Gutkind defini-lo, precisou assumir como “erros”, ou até mesmo “formas de ateísmo”, qualquer outra definição filosófica de Deus, inclusive a do filósofo Spinoza, como podemos conferir a seguir:

[...] Spinoza, was on Jewish ground when he started his philosophy with the principle: “God is truth.” But he did not remain on Jewish ground when he identified God with “cause,” with something mechanical and neutral He neutralized God. But God is not neutral or indifferent. Did not the overwhelming vision of the Zimzum think of God as utterly involved in the destiny of Man and World. When God is called makom (place), the world is set in a higher order that reveals the direction of the world, as well as its origin and goal. The world has a "place" this does away with the idea of an indifferent world.

[...]

God is not “the cause of Himself” (causa sui), as Spinoza taught, but the “non-cause” (Ungrund), as the great mystic Jacob Boehme, who was deeply imbued with Kabbalistic ideas, said. It is not that “God loves Himself in infinite love,” as Spinoza said. Not even God encloses God. God embraces the world (sovevkol almim) (GUTKIND, 1952).

Nesse trecho, além das diversas tentativas de definir um Deus Pessoal o problema maior foi que Einstein era profundo admirador de Spinoza. Tanto que afirmara anteriormente: “*Acredito no Deus de Spinoza, que se revela na harmonia bem-ordenada de tudo o que existe*”. Podemos perceber que essa admiração a essa ideia de Deus ainda existia, pois

¹⁹ Gutkind as define como: *Israel is the result of a decision, the mightiest decision Man ever made, and no other decision can supplant this primal decision. Abraham’s determination to take up the fearsome way through history leading to Man’s perfection is the birth-moment of the Jewish people. When Abraham extricated himself from the corruption that had almost putrefied humanity he saved Man from perdition. The second Noah carried Man with him from the darkness of the declining magical cultures of Chaldea into the radiant light of history. A “people” can walk through the fire of history, not a tribe, not a church, not a group of saints. This people can only be a Founded People. Abraham founded Israel.*

Einstein afirma na carta que: “(...) *Mas uma causalidade limitada não é mais causalidade, como nosso maravilhoso Spinoza foi provavelmente o primeiro a reconhecer com toda a nitidez*”. Nesse contexto, podemos inferir que Einstein se utilizou de um recurso de exaltação e admiração ao indivíduo combatido no livro – vide quando afirma “maravilhoso Spinoza” –, de forma a, possivelmente, reprimir veladamente a atitude de Gutkind contra Baruch.

Veja que Spinoza em sua principal obra “*Ética*”, dedica boa parte de seu texto em evidenciar essa visão de Deus que Einstein se identifica. Ou seja, o enunciador da relatividade não chamaria Baruch de maravilhoso se nesse momento de sua vida discordasse de grande parte da obra do filósofo de Amsterdã.

Além disso, como já dissemos, Einstein sempre afirmou que não conseguia “*conceber um Deus pessoal que tenha influência direta nas ações dos indivíduos ou que julgue as criaturas da sua própria criação*”. Assim, para o físico, todas as ações atribuídas ao Deus Antropomorfizado e Pessoal na Bíblia, já era uma influência de Deus sobre os indivíduos que ele não concebia como correto.

No caso de admitirmos a versão contida no item (2), ou seja, *ipsis litteris*, onde Einstein definiu Deus independente do que havia lido no livro de Gutkind, temos que admitir que ao invocar o “Maravilhoso Spinoza” no mesmo texto, sugere que ainda possui grande afinidade com a obra do autor que, como evidenciamos, discursou sobre a natureza de Deus e suas obras.

5.2 “Lendas Primitivas”

Dando continuidade nos pontos principais ditos “polêmicos”, o pai da relatividade expõe que “*a Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas bastante primitivas*”. Primeiramente, para Gutkind, quando é dito Bíblia em seu texto, ele se refere somente a Torá, como observado no subtítulo “*DEPARTURE FROM THE BASIC CONFUSION*” onde afirma:

The Bible, that is, the Torah of the Jews the “Good Book” for all of humanity reveals to us how the vertical line has been broken and how it can be restored (GUTKIND, 1952).

Devemos lembrar que a Torá (ou Pentateuco) compreende os cinco primeiros livros da Bíblia Judaica e da Cristã. São esses os livros: Bereshit (Gênesis), Shemot (Êxodo), Vayikrah (Levítico), Bamidbar (Números) e Devarim (Deuteronômio). Neles estão descritos diversos eventos e histórias como a criação do mundo por Deus, passando pelos primórdios do povo de Israel, sua descida ao Egito e a entrega dos Mandamentos por Deus no Monte Sinai. Termina com a morte de Moisés, pouco antes do povo de Israel cruzar os limites da terra prometida Canaã.

Isso é importante de se contextualizar, pois além de ser o texto mais relevante, e o fundamento para todos os outros livros contidos na Bíblia Hebraica, seria o que também descreve os eventos que datam a criação do mundo para os Judeus, ou seja, compreende as mais antigas histórias do mundo hebreu (o próprio Moisés as teria em parte escrito há mais de 3400 anos).

Portanto, se Einstein também se utilizou do termo Bíblia para designar somente a Torá, de forma a dialogar com o que leu no livro de Gutkind, ao afirmar que seriam “lendas primitivas”, poderia ser uma constatação ao fato de serem textos realmente muito antigos. Todavia, não no sentido estrito desmerecendo tais histórias, mas no modo como

Gutkind o fez, interpretando o texto bíblico de forma anacrônica, afim de fortalecer seus argumentos filosóficos, sociológicos e até científicos.

Além disso, não faria sentido o cientista proferir tal afirmação sobre, por exemplo, a Bíblia Hebraica como um todo, a Bíblia Cristã, ou qualquer outra Bíblia existente, pois, como verificamos, Gutkind restringiu muito essa palavra e Einstein não teria motivo para ampliar o termo gratuitamente, visto que, se o fizesse, o seu tom de reprimenda não faria sentido, já que endossaria parte da argumentação crítica de Gutkind.

Mais a frente na missiva, o cientista ainda afirma que *“nenhuma quantidade de interpretação sutil pode (para mim) mudar nada sobre isso. Essas interpretações refinadas são naturalmente extremamente variadas e quase nada têm a ver com o texto original”*. Somente como exemplificação, podemos recortar esse trecho do livro de Gutkind onde ocorre exatamente esse tipo de interpretação textual:

A chassidic interpretation of the Noah-story asserts: We have learned that Noah himself did not go into the Ark before the rising waters of the Great Flood forced him to do so. Did he doubt whether God’s prediction would come true? No, he did not. But he knew that a faith could be so strong that it attracts reality. He was fearful that the strength of his faith would hasten the coming of the flood. Indeed, there is a faith, negative or positive, which has a magnetic power of realization. A strong belief in the inevitability of a catastrophe attracts the catastrophe. The belief that a new war is unavoidable is a most dangerous one (GUTKIND, 1952).

5.3 “Encarnação de Superstições Primitivas”

Dando continuidade ao texto da carta, Einstein se refere a uma *“Religião Judaica não adulterada”* (*“unverfälschte jüdische Religion”*). Ao que parece, essa não é toda a Religião Judaica, mas aquela primeira que teria originado todas as outras. O ponto dito polêmico não é somente essa vertente da religião judaica ser *“a encarnação de superstições primitivas”*, como afirmou, mas o fato de atribuir essa característica a *“todas as outras religiões”*.

Aqui pode existir uma ambiguidade, pois podemos entender que (1) o cientista realmente se referia a todas outras religiões existentes no planeta, ou (2) como afirma (SNOW, 2018), poderíamos interpretar como *“todas as outras religiões [judaicas/com herança judaica que existirem ou forem propostas]”*.

Analisando a possibilidade (1), Einstein afirmar *ipsis litteris* que todas as religiões existentes são encarnações de superstições primitivas, é uma generalização perigosa. De uma mente cética, poderíamos esperar o termo “encarnações de superstições” para definir as religiões, mas quando coloca o termo “primitivas” ao final, estaria dizendo que não poderia existir uma religião nova fundamentada em superstições **não** primitivas? Além disso, temos que pensar que mesmo que não considerasse sua “Religião Cósmica” como uma religião tradicional e mais um sentimento, ainda assim poderia essa ser contemplada em sua afirmação. Ainda mais, alguns poderiam até defender que essa religião seria um ótimo exemplo de um conjunto de “encarnações de superstições não primitivas”.

Por outro lado, podemos também compreender que Einstein estaria aqui novamente combatendo um exagero com outro, se utilizando de uma generalização de forma ao demonstrar para Gutkind que em nenhum cenário o pensamento do filósofo estaria correto. Seja como for, ainda assim em nenhum momento observamos uma mudança em sua crença ou religiosidade, visto que o físico (pelo menos em sua vida adulta) nunca esteve associado a alguma instituição religiosa.

Já a opção (2) aparenta ser mais interessante, justamente por conta da palavra “não adulterada”. O que observamos é que Einstein criou um grau de comparação entre **segmentos** religiosos dentro de uma grande religião, e não entre as grandes religiões mundiais, conforme elucida (SNOW, 2018). A título de exemplo, temos que lembrar que dentro do Cristianismo **temos diversas religiões** como catolicismo, protestantismo e etc. Ou seja, cada uma dessas vertentes também são chamadas de religião.

Por fim, uma possível versão (3) ou uma variação da (2) pode ser observada no seguinte trecho do livro de Gutkind. Vejamos:

The Psalms gave mankind an experience of jubilation never before experienced. There is not an inkling of "other-worldliness" in Israel's faith. To live here, here in this world with an incandescent almost unbearable earnestness and solemnity, this is Jewish. That this is a specific Jewish attitude has been somewhat obscured, because essential Judaistic elements have permeated most of the other religions, giving them a kind of Jewish tinge. The pagan trends in the various religions eventually overcame the Judaistic influx, almost to the point of drowning it out. However, these religions have thrived on the truth which they have taken from Judaism and incorporated into their own systems. Other religions are predominantly concerned with other-worldliness. All of them are permeated with escape-tendencies and with minimizing this world. They are not free from the pagan fear of living determinedly inside of this world. All the religions are populated with metaphysical constructions. All are more or less magical religions aiming at metaphysical goals to be attained by magical methods. Most of the religions pursue mystical ends, mystical unification or a submergence into formless substances. Others crawl into the privacy of internality and into spiritualistic aspects of life and of the universe. Some with a stronger accent on the ethical side of life lack the consistency of dropping the pagan shells and admitting what the remaining core is namely Judaism. Only a few very great religious geniuses, like Kierkegaard, had the courage of such consistency (GUTKIND, 1952).

Observamos que Gutkind propõe a existência de “elementos essenciais judaicos” que permeiam a maioria das outras religiões e defende que no Judaísmo não existe “indicação de outro mundo” além do nosso, no entender espiritual, o que não ocorre nas “outras religiões” que se incorporaram desses elementos. Defende, ainda, que os “pagãos” se utilizam de construções metafísicas, com inclinações mágicas, místicas, espiritualistas, mesmo tendo o “núcleo judeu”. Se pegarmos esse trecho, e pensar que Einstein analisou justamente esse ponto quando afirma na carta que “(...) a concepção animista das religiões naturais, em princípio, não é anulada pela monopolização”, fica até mais fácil compreender o que o cientista estava refutando no livro de Gutkind.

Porém, o ponto principal dessa digressão seria o seguinte: Se pensarmos que esses “elementos essenciais judaicos” seriam a própria “religião judaica não adulterada” que Einstein cita, então todas as religiões dotadas de um “núcleo judeu” (e como vimos, Gutkind defende que a maioria das outras religiões o possui) também encarnariam “*superstições primitivas*” em suas bases, por conta desse núcleo.

Ainda temos um último argumento defendendo essa interpretação. Em um escrito de 1930 enviado para o jornal “*The New York Times*”, Einstein manifestou os seguintes pensamentos (grifos nossos):

The Jewish scriptures admirably illustrate the development from the religion of fear to moral religion, a development continued in the New Testament. The religions of all civilized peoples, especially the peoples of the Orient, are primarily moral religions. The development from a religion of fear to moral religion is a great step in peoples' lives. And yet, **that primitive religions** are based entirely on fear and the religions of civilized peoples purely on morality is a prejudice against which we must be on our guard. The truth is that all religions

are a varying blend of both types, with this differentiation: that on the higher levels of social life the religion of morality predominates.

Common to all these types is the anthropomorphic character of their conception of God. In general, only individuals of exceptional endowments, and exceptionally high-minded communities, rise to any considerable extent above this level. But there is a third stage of religious experience which belongs to all of them, even though it is rarely found in a pure form: I shall call it cosmic religious feeling. It is very difficult to elucidate this feeling to anyone who is entirely without it, especially as there is no anthropomorphic conception of God corresponding to it (EINSTEIN; SEELIG; BARGMANN, 1954).

Podemos perceber explicitamente, que o físico diferenciava dois tipos de religiões existentes: As que são fundamentadas no medo e aquelas fundamentadas na moral. Observe que ele enxergava as primeiras como “religiões primitivas”, enaltecendo as segundas, estando essas nos “níveis mais altos da vida social”. Basta lermos esse escrito para observar exatamente o que explanamos no item (3). A “religião judaica não adulterada” poderia ser essa classe de religiões fundamentadas no medo e que Gutkind defende.

6 Escritos Religiosos Pós-Carta Einstein-Gutkind

Conforme observamos na Seção 4, por essa carta ter sido escrita em 1954, próximo da morte de Einstein que ocorreu em 1955, pode aparentar que seria a última vez que teria exposto ideias sobre esse tema. No entanto, haveria mais vezes. O maquinista Joseph Dispentiere havia escrito ao físico afirmando que por ser ateu, estava decepcionado com certas afirmações na imprensa de que Einstein era um religioso convencional. Em 24 de março de 1954 Einstein responde:

É claro que foi mentira o que você leu sobre minhas convicções religiosas, uma mentira que está sendo sistematicamente repetida. Não acredito em um Deus pessoal e nunca neguei isso, mas o expressei claramente. Se há algo em mim que pode ser chamado de religioso, então é a admiração ilimitada pela estrutura do mundo até onde nossa ciência pode revelá-la²⁰ (DUKAS, 1981).

Ou seja, seria o mesmo Einstein de décadas passadas, como já exaustivamente observamos. Além disso, em 1954 (e após a Carta Einstein-Gutkind) ainda foi publicado um livro chamado “*Ideas and Opinions*” (EINSTEIN; SEELIG; BARGMANN, 1954) que consiste em um compilado de textos de cartas e exposições de Einstein sobre os mais diversos temas. Na seção “*About Religion*”, temos diversos escritos de anos passados, onde o cientista manifesta todas suas ideias religiosas tal como expusemos ao longo desse artigo. Por mais que sejam textos antigos, Einstein ainda estava vivo e deu seu aval para sua publicação, conforme observamos em seu prefácio (grifos nossos):

PUBLISHER’S NOTE

Ideas and Opinions represents an attempt to gather together, so far as is possible, in one volume the most important of Albert Einstein’s general writings. Until now there have been three major collections of articles, speeches, statements, and letters by Einstein: *The World As I See It*, translated by Alan Harris, published in 1934; *Out of My Later Years* (1950), containing material from 1934 to 1950; and *Mein Weltbild*, edited by Carl Seelig, published in Switzerland in 1953, which contains certain new materials not included in either of the other collections.

²⁰ AEA 59-454 e 59-495.

Ideas and Opinions contains in the publisher's opinion the Most important items from the three above-mentioned books, a few selections from other publications, and new articles that have never been published in book form before. It was only with the very kind cooperation of Carl Seelig and Europa Verlag of Zurich **and the help of Professor Einstein himself** that it was possible to assemble this collection of Einstein's writings from the earliest days to addresses of only a few weeks ago.

Special thanks must be given to Helen Dukas who facilitated the gathering of these articles and to Sonja Bargmann whose contribution is major: she checked and revised previous translations, provided new translations for all other articles not specifically credited, participated in the selection and editing of the entire volume and influenced her husband, Valentine Bargmann, to write the introduction to Part V, Contributions to Science.

Acknowledgments should be made also to the various publishers who made available articles copyrighted by them and whose names may be found with the articles.

Ora, se Einstein não acreditasse ou tivesse repensado tais conceitos, não incluiria tais escritos em uma publicação. Além disso, seu colega, o físico Max Jammer, em seu livro, "Einstein and Religion: Physics and Theology", expressa o seguinte comentário:

Many more excerpts from Einstein's correspondence or conversations in the early fifties are evidence that he re-mained faithful to his religious conviction until his death in April 1955.

E continua:

In the summer of 1954, less than a year before he died, Einstein was interviewed by Professor William Hermanns. A German veteran of World War I, Hermanns began his career as a diplomat but, because of his opposition to the Nazi regime, he emigrated to the United States where he taught German literature at Harvard University and San José State University and then worked at the Hoover Institution at Stanford University. Hermanns had interviewed Einstein several times before, the first time in 1930 in Berlin. He fully endorsed Einstein's ideas of a cosmic religion. In fact, a survivor of the gruesome battle of Verdun, he intended to promote peace by founding a cosmic-religion movement including the Jewish, Christian, Vedic, Buddhist, and Islamic traditions; he claimed that Einstein's cosmic religion does not destroy the religious values of traditional beliefs but rather embraces them in accordance with the Biblical word, "Hear O Israel, the Eternal is our God, the Eternal is one." It was therefore only natural that the discussion turned to the notion of cosmic religion in the 1954 interview. Hermanns asked Einstein for "precise statements on God." Einstein replied,

About God, I cannot accept any concept based on the authority of the Church. As long as I can remember, I have resented mass indoctrination. I do not believe in the fear of life, in the fear of death, in blind faith. I cannot prove to you that there is no personal God, but if I were to speak of him, I would be a liar. I do not believe in the God of theology who rewards good and punishes evil. My God created laws that take care of that. His universe is not ruled by wishful thinking, but by immutable laws (JAMMER, 2002).

7 Jesus e Einstein

Infelizmente a Carta Einstein-Gutkind ficou marcada como uma definição final, resumida e até única, de Einstein sobre os temas aqui abordados. Até mesmo em artigos, livros e na imprensa que remetem brevemente ao tema religioso, já surge uma nota de rodapé ou uma citação sobre essa missiva. Um exemplo foi o que ocorreu em 2013. No site de leilões da Bonhams <www.bonhams.com/auctions/20981/lot/3171/> foi listado uma Bíblia Cristã²¹, datada de 1932, com uma dedicatória de Elsa, esposa de Einstein,

²¹ *The Uncertainist* perguntou para a curadora do leilão, a Sra. Christina Geiger of Bonhams, e essa afirmou se tratar da Bíblia Cristã, ou seja, com ambos testamentos.

bem como uma do próprio físico. O item foi leiloado por \$68.500. Todavia, reparemos na descrição da legenda (grifos nossos):

[EINSTEIN, ALBERT.]

The Holy Bible. New York: Thomas Nelson & Sons, [c.1930]²².

8vo. On India paper. Leatherette.

Provenance: Harriet F. Hamilton (gift inscription).

BIBLE INSCRIBED AND SIGNED BY ALBERT EINSTEIN AND BY HIS WIFE ELSA for a friend in Pasadena, dated February, 1932. Einstein's inscription is on the front free endpaper: "*Dies Buch ist eine [?]schönsfliche Guelle der Lebensweisheit und des Trostes. Lesen Sie oft darinn und geschenken Sie dabei / Ihren / A. Einstein.*" Einstein advises that the Bible is a great source of wisdom and consolation and should be read frequently. Any opinion expressed by Einstein on the Bible is of intense interest. He went through a devout phase as a child which ended around age 12; afterward he never subscribed to organized religion. Here, however, he espouses a comforting, humanist view to a friend of his wife, **dramatically different from the post-Holocaust opinion Einstein offered to the philosopher Eric Gutkind, referring to the Bible as a "collection of honorable but still primitive legends which are nevertheless pretty childish"**(ALS dated Jan 3, 1954, sold at Bloomsbury, May 15, 2008, lot 303). Not much is known of the recipient, Harriet Hamilton, but a letter she co-wrote with Elsa Einstein to T.V. Kármán is retained by the Einstein archives in Pasadena²³.

Ou seja, a melhor maneira que o site encontrou para divulgar o item foi se utilizar da Carta Einstein-Gutkind, ainda com erros de tradução. Obviamente, não estavam preocupados em contextualizar o leitor acerca da visão de Deus que Einstein defendia, e sim em evidenciar que itens que remetem a religiosidade do cientista valem muito. Sendo assim, essa bíblia seria um ótimo investimento e um item de grande valor monetário para quem a adquirisse.

Entretanto, deixando isso de lado e voltando ao texto da dedicatória, podemos verificar a seguinte sentença proferida pelo físico:

"Este livro é uma fonte inesgotável de sabedoria e conforto. Leia com frequência esse presente que ofertei a você.

O seu,

Albert Einstein

Esse pequeno texto se revela muito mais interessante do que a famosa correspondência. Por diversas vezes argumentamos que Einstein possuía uma postura crítica em relação as instituições religiosas, mas sabia separar seu conteúdo original das interpretações que existiam. No livro que citamos anteriormente "*Ideas and Opinions*", observamos explicitamente (grifos nossos):

²² Vide Fig. 2.

²³ *Bonhams*: <<https://www.bonhams.com/auctions/20981/lot/3171/>>.

The highest principles for our aspirations and judgments are given to us in the Jewish-Christian religious tradition. It is a very high goal which, with our weak powers, we can reach only very inadequately, but which gives a sure foundation to our aspirations and valuations. If one were to take that goal out of its religious form and look merely at its purely human side, one might state it perhaps thus: free and responsible development of the individual, so that he may place his powers freely and gladly in the service of all mankind (EINSTEIN; SEELIG; BARGMANN, 1954).

Aqui temos uma prova de como é complexo rotular e definir plenamente o pensamento de Einstein, conforme argumentamos na Seção 2. Verificamos aqui que Elsa e Albert dedicam essa Bíblia a uma colega que havia sofrido recentemente uma perda na família. O físico poderia simplesmente afirmar que “este livro é uma fonte inesgotável de conforto”. Mas, foi mais longe: afirmou que era “uma fonte inesgotável de **sabedoria** e conforto”, aconselhando a ler com frequência. Einstein já havia comentado que lia a Bíblia regularmente em outra correspondência, mesmo não abstraindo todos seus aspectos em sua totalidade. Mas, nunca comentando dessa forma.

Além disso, em conteúdo que citamos anteriormente, Einstein argumenta que o Novo Testamento evidencia uma forma de religião fundamentada na moral: “*The Jewish scriptures admirably illustrate the development from the religion of fear to moral religion, a development continued in the New Testament*”. Mais explicitamente, ainda tece as seguintes palavras sobre Jesus, como expõe Isaacson em certa entrevista que concedeu:

Até que ponto o senhor é influenciado pelo cristianismo? “Quando criança, recebi instrução tanto sobre a Bíblia como sobre o Talmude. Sou judeu, mas sou fascinado pela luminosa figura do Nazareno.”

O senhor aceita a existência histórica de Jesus? “Sem dúvida! Quem pode ler os Evangelhos sem sentir a presença real de Jesus? Sua personalidade pulsa em cada palavra. Não há nenhum mito que esteja imbuído de tanta vida.”

O senhor acredita em Deus?

Não sou ateu. O problema aí envolvido é demasiado vasto para nossas mentes delimitadas. Estamos na mesma situação de uma criança que entra numa biblioteca repleta de livros em muitas línguas. A criança sabe que alguém deve ter escrito esses livros. Ela não sabe de que maneira, nem compreende os idiomas em que foram escritos.

A criança tem uma forte suspeita de que há uma ordem de mistérios na organização dos livros, mas não sabe qual é essa ordem. É essa, parece-me.. a atitude do ser humano, mesmo do mais inteligente, em relação a Deus. Vemos o universo maravilhosamente organizado e que obedece a certas leis; mas compreendemos essas leis apenas muito vagamente (ISAACSON, 2007).

8 Conclusão

Gostaria de fechar esse artigo com uma reflexão necessária que o grande astrofísico Carl Sagan expôs em seu livro “*Variedades da experiência científica: Uma visão pessoal da busca por Deus*”:

(...) A visão ingênua ocidental de Deus é a de um homem alto, de pele clara, com uma longa barba branca, que fica num trono enorme no céu e que sabe da queda de cada pardalzinho.

Comparem essa visão de Deus com uma bem diferente, proposta por Baruch Spinoza e por Albert Einstein. E a esse segundo tipo de deus eles chamaram Deus de modo bem direto. O tempo todo Einstein interpretava o mundo em termos de o que Deus faria ou não faria. Mas com Deus ele queria dizer uma coisa não muito diferente do que a soma total das leis da física do universo; isto é, a gravitação mais a mecânica quântica mais a teoria do campo

unificado mais algumas outras coisas era igual a Deus. E com isso eles só queriam dizer que existe um conjunto de princípios físicos incrivelmente poderosos que parece explicar boa parte do que aparentemente é inexplicável no universo. Leis da natureza, como já disse antes, que se aplicam não só a Glasgow, mas a bem longe: a Edimburgo, Moscou, Pequim, Marte, Alfa Centauri, o centro da Via Láctea e os quasares mais distantes conhecidos. O fato de que essas mesmas leis da física se apliquem a todos os lugares é extraordinário. Certamente representa um poder maior do que qualquer um de nós. Representa uma inesperada regularidade do universo. Não precisava ser assim. Cada província do cosmos poderia ter suas próprias leis da natureza. Não fica imediatamente claro que as mesmas leis tenham que se aplicar a todos os lugares.

Mas seria uma tolice completa negar a existência das leis da natureza. E, se é disso que estamos falando quando dizemos Deus, então ninguém poderia ser ateu, ou pelo menos ninguém que se diz ateu seria capaz de dar uma explicação coerente sobre por que as leis da natureza são inaplicáveis.

Acho que ele ou ela ficariam sob bastante pressão. Portanto, com esta última definição de Deus, todos nós acreditamos em Deus. A definição anterior de Deus é bem mais dúbia. E existe uma grande variedade de outros tipos de deuses. Em todos os casos é preciso perguntar: “De que tipo de deus você está falando, e quais são as provas de que esse deus existe? (SAGAN, 2008)”

Percebemos por meio dessas palavras, o quão pueril é inquerir “você acredita ou não em Deus?” a quem quer que seja, sem complementar com “e o que você entende por ‘Deus’?”. Quando lemos algo impactante como “*a Palavra Deus nada mais é do que uma expressão e produto das fraquezas humanas*”, devemos também fazer o mesmo tipo de pergunta para o seu emissor. Se não o fizermos, cada pessoa imaginará um Deus diferente na sentença, corrompendo sua exortação. E foi isso que realizamos aqui: Perguntamos a Einstein “Qual Deus você está definindo dessa forma?”

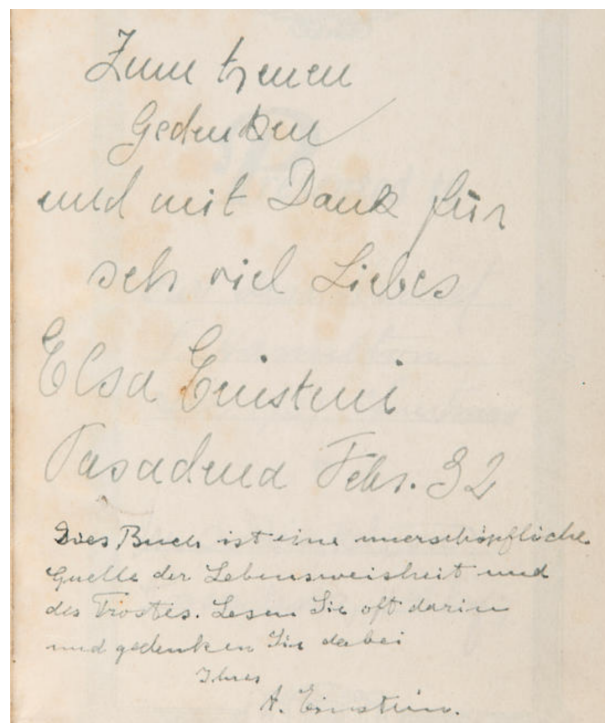


Figura 2 – Fac-símile da “*The Holy Bible. New York: Thomas Nelson & Sons*” com dedicatória de Elsa e Albert Einstein. Fonte: Bonhams <<https://www.bonhams.com/auctions/20981/lot/3171/>>.

Verificamos ao longo desse artigo que a Carta Einstein-Gutkind não deve ser lida sem uma bagagem prévia. Da mesma forma que um leigo não lê um artigo científico sobre relatividade geral como se fosse um romance, não devemos fazer o mesmo no contexto da correspondência. Assim, antes de mais nada, se faz necessário (1) saber sobre o que o livro *“Choose Life: The Biblical Call To Revolt”* do Filósofo-Judeu Eric Gutkind trata; (2) entender que temos aqui um comentário sobre esse livro e não uma digressão livre sobre o tema, havendo assim conceitos implícitos; (3) compreender os fundamentos da religião judaica, visto que são dois sábios judeus alemães que vivenciaram os horrores do nazismo, e toda a perseguição infligida pelo mesmo, discursando fundamentalmente sobre teses judaicas; e (4) estudar a fundo, sem preceitos iniciais oriundos do senso comum da mídia ou do grupo que fazemos parte, as diversas cartas, transcrições de palestras e artigos escritos pelo físico sobre o tema Deus e Religião.

Se essa receita for respeitada, fatalmente se chegará as mesmas conclusões que as desse artigo: Einstein continuava acreditando no “Deus de Spinoza”, continuava combatendo o Deus Pessoal e continuava acreditando na necessidade da religiosidade independente das religiões, e na sua “Religião Cósmica”. Embora a carta não interpretada crie um certo estranhamento, talvez a excessiva exposição da mesma na mídia foi o fator decisivo para sua fama.

Uma prova disso é que em busca realizada em alguns famosos sites de leilões, verificamos que os itens de Einstein que atingiram maiores valores foram as cartas em que ele afirmou algo relativo a Deus. Todavia, mesmo essas mal chegaram a algumas dezenas de milhares de dólares. Entretanto, uma carta onde o físico “nega” a existência de Deus pode chegar a cifras muito elevadas. Em 2018 a Carta Einstein-Gutkind foi novamente leiloada por quase 3 milhões de dólares na casa de leilões da *Christie’s*²⁴, sob o título *Albert Einstein: The God Letter*.

Esse valor foi de longe o pedaço de papel de Einstein mais valioso existente. Ou seja, queremos dizer que uma carta contendo um *review* sobre um livro que o físico leu a contragosto, livro esse de uma pessoa que praticamente nunca entendeu realmente seu pensamento, foi, de longe, o bem mais valioso que diversos outros escritos brilhantes e incríveis sobre a estrutura do universo, que lhe renderam a fama de gênio, e que abalaram as bases da física moderna.

²⁴ Vide <<https://www.christies.com/en/auction/Albert-Einstein-The-God-Letter-27818?salenumber=16393&saletitle=>>>.

Referências

- CALAPRICE, A. *The Ultimate Quotable Einstein*”. 1. ed. USA: Princeton University Press, 2011. Citado 4 vezes nas páginas 2, 3, 12 e 15.
- DUKAS, H. *Albert Einstein, The Human Side: Glimpses from His Archives*. 1. ed. USA: Princeton University Press, 1981. Citado na página 20.
- EINSTEIN, A.; SEELIG, C.; BARGMANN, S. *Ideas and Opinions*. 2nd. ed. [S.l.]: Crown Publishers, 1954. Citado 2 vezes nas páginas 20 e 23.
- FACKENHEIM, E. [Review] Choose Life: The Biblical Call to Revolt, by Eric Gutkind. *Commentary*, 1952. Disponível em: <<https://www.commentary.org/articles/emil-fackenheim-2/choose-life-the-biblical-call-to-revolt-by-eric-gutkind/>>. Citado na página 14.
- GUTKIND, E. *Choose Life: The Biblical Call To Revolt*. 1. ed. New York: Henry Schuman, 1952. Citado 5 vezes nas páginas 13, 16, 17, 18 e 19.
- ISAACSON, W. *Einstein - Sua Vida , seu Universo*. 1. ed. Brasil: Companhia Das Letras, 2007. Citado 3 vezes nas páginas 2, 4 e 23.
- JAMMER, M. *Einstein and Religion*. 1. ed. USA: Princeton University Press, 2002. Citado na página 21.
- PAIS, A. *Sutil é o Senhor... A Ciência e a Vida de Albert Einstein*. 1. ed. Brasil: Nova Fronteira, 1995. Citado na página 3.
- PILCHIK, E. Book Reviews. *Jewish Social Studies*, v. 14, No. 4, p. 381–382, 1952. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4465118>>. Citado na página 14.
- SAGAN, C. *Variiedades da Experiência Científica: Uma visão pessoal da busca por Deus*. 1. ed. Brasil: Companhia das Letras, 2008. Citado na página 24.
- SNOW, P. *The Uncertaintist - Read the related stories about the Einstein-Gutkind letter*. 2018. <uncertaintist.wordpress.com/unlinks/>. [Online; acessado 12-Fevereiro-2022]. Citado 5 vezes nas páginas 5, 7, 12, 18 e 19.
- SNOW, P. *The Uncertaintist - New update of Einstein (ir)religion sources*. 2019. <uncertaintist.wordpress.com/unlinks/>. [Online; acessado 09-Janeiro-2022]. Citado na página 3.
- WATTS, D. *Tudo é óbvio: quando você sabe a resposta*. 1. ed. Brasil: Editora Paz e Terra, 2011. Citado 2 vezes nas páginas 4 e 5.